



Alomorfia de plural no português de Salvador: uma análise preliminar de dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)

*Plural allomorphy in the Portuguese of Salvador: a preliminary analysis of data from the
Linguistic Atlas of Brazil (ALiB)*

Jadione Cordeiro de Almeida*
Universidade Federal da Bahia
Salvador, Bahia, Brasil

Josane Moreira de Oliveira**
Universidade Estadual de Feira de Santana/Universidade Federal da Bahia
Feira de Santana/Salvador, Bahia, Brasil

Resumo: Levando em consideração o fato de que há uma oscilação na escolha de que morfema deve-se utilizar para a sinalização do plural no português brasileiro, bem como ainda existem as estratégias do uso parcial ou da ausência dessa marcação pelos falantes em contextos linguísticos e sociais variados, neste artigo, busca-se compreender como se estabelece o plural no português de Salvador a partir da interface entre os níveis morfológico, fonológico e fonético, através de uma análise com base teórico-metodológica da Sociolinguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]). Para este trabalho preliminar, faz-se uso apenas da abordagem qualitativa de percentuais de ocorrência de alomorfia de plural. Para isso, foi necessária a audição de entrevistas de oito informantes de Salvador realizadas entre 2003 e 2007, fornecidas pelo *Atlas linguístico do Brasil* (CARDOSO et al., 2014). Como recorte, foram consideradas apenas as treze lexias com possibilidade de ocorrências alomórficas de número encontradas no Questionário Fonético-Fonológico (QFF, questão 76: *reais*) e no Questionário Morfosintático (QMS, seção “número”: *anéis, aventais, pães, mãos, leões, degraus, chapéus, anzóis, olhos, ovos, pincéis, bolsos*) (COMITÉ NACIONAL, 2001). Os resultados indicam que: i) pessoas pouco escolarizadas, com idade entre 50 e 65 anos e mulheres (por hipercorreção, neste caso) realizam mais o plural irregular; ii) a equivalência de sons finais das palavras (como -L > -U, por exemplo), a partir da vocalização do /l/, provoca a realização de alguns plurais irregulares; iii) entre os tipos de plural, o metafônico, por ser uma estratégia que exigiria uma tripla marcação (sintática, fonética e morfológica), está sujeito naturalmente à redução dessa marcação a apenas um ou dois desses níveis; iv) determinadas lexias, talvez por serem pouco usadas no cotidiano ou pela pouca saliência fônica, favorecem o plural irregular ou a sua não marcação.

Palavras-chave: Plural. Alomorfia. Sociolinguística. Projeto ALiB. Salvador.

Abstract: Taking into account the fact that there is an oscillation in the choice of which morph should be used for the plural signaling in Brazilian Portuguese, there are still strategies of partial use or absence of this marking by speakers in varied linguistic and social contexts. In this article, we seek to understand how the plural in Salvador establishes from the interface between the morphological, phonological and phonetic levels, through a theoretical and methodological analysis of Sociolinguistics (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]). For this

* Doutorando em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: jadionalmeida@gmail.com.

** Doutora em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana e do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia. E-mail: josanemoreira@hotmail.com.

preliminary work, we use only the qualitative approach of percentages of occurrence of plural allomorphy. For this, it was necessary to hear interviews from eight informants from Salvador conducted between 2003 and 2007, provided by the Linguistic Atlas of Brazil (CARDOSO et al., 2014). As a methodological cutout, we considered only thirteen lexis with the possible occurrences of number allomorphy found in the Phonetic-Phonological Questionnaire (QFF, question 76: *reais*) and the Morphosyntactic Questionnaire (QMS, section “number”: *anéis, aventais, pães, mãos, leões, degraus, chapéus, anzóis, albos, ovos, pincéis, bolsos* (COMITÉ NACIONAL, 2001). The results indicate that: i) poorly educated people, aged 50 to 65 and women (by overcorrection in this case) do more irregular plural; ii) the equivalence of final word sounds (such as -L > -U), from the vocalization of /l/, causes some irregular plurals; iii) among the plural types, the metaphonic, being a strategy that would require a triple marking (syntactic, phonetic and morphological), is naturally subject to the reduction of this marking to only one or two of these levels; iv) certain lexis favor the irregular plural or its non-marking, perhaps because they are little used in everyday life or because of poor phonic salience.

Keywords: Plural. Allomorphy. Sociolinguistics. ALiB Project. Salvador.

1 INTRODUÇÃO

Inicialmente, é importante que se estabeleça a distinção entre os significados de *morfema* e *morfe*. Enquanto aquele representa um *conjunto abstrato*, este seria *sua materialização* dentro da estrutura do verbete e/ou da palavra.

O morfe é uma das formas realizadas do morfema [...] *o morfema é então definido como uma classe de morfes* [...]. A existência de morfes distintos, que realizam o mesmo morfema em função de contextos fonológicos ou morfológicos, torna possível o tratamento comum das formas normais e das formas irregulares dentro de uma descrição gramatical [...]. *Apenas no nível de aplicação das regras morfológicas é que o morfema será traduzido em morfes*, com uma escolha eventual entre diversos alomorfes (DUBOIS, J. et al., 2001, p. 42, grifos nossos).

Também é importante observar que a *flexão* se distingue da *derivação* pelos seguintes motivos: os morfemas flexionais ocorrem de maneira regular e sistemática; são condicionados pela natureza da sentença; existem independentemente da vontade do falante. Pertencendo ao campo da flexão de número, portanto, o plural apresentaria, respectivamente: regularidade, concordância e não opcionalidade (CÂMARA JR., 2011 [1970]). No português brasileiro (PB), esses três princípios parecem sofrer particularidades especiais, sobretudo os primeiros: i) há um constante embate entre as escolhas alomórficas em busca de uma regularidade, basta observar o imperativo uso do alomorfe *-ões* ou *-s* em detrimento dos demais; ii) a concordância pode ser estabelecida fora dos limites da palavra, normalmente sinalizada em um determinante, adjacente ou o mais distante à esquerda do núcleo do SN; iii) às vezes, o plural parece tão estranho, ou mesmo é desconhecido pelo falante, que ele faz uso de estratégias de pluralização aparentemente particulares, como 10.13102/cl.v22i0.7458 perda de marca adjacente de plural, provocando o “alongamento compensatório” (TRASK, 1996 apud SILVA; ALMEIDA; GUEDRI, 2007, p. 221). Assim, a escolha de algumas estratégias de plural parece tão artificial, às vezes, que ou se elege a estratégia alomórfica de número mais recorrente na língua ou se busca esclarecimento da dúvida recorrendo-se aos manuais de gramáticas e outras fontes, sobretudo em momentos de escrita.

Moreira (2010) trata do posicionamento das várias teorias a respeito da flexão de número bem como observa o papel dos vários níveis da língua e sua interface na formação do plural. Sobre o PB, a autora faz “generalizações sobre os nomes que são pluralizados” (MOREIRA, 2010, p. 38), sendo assim resumidos/categorizados: i) substantivos terminados em vogal ou ditongo; ii) substantivos terminados em *-l, -r, e -s*; iii) substantivos terminados em *-ão*; iv) nomes terminados em *-s* átonos; v) plural com metafonia vocálica; e vi) outros casos, a exemplo do plural de *campus, corpus, mal e cônsul*, que, segundo a autora, “não é possível formular nenhuma generalização para (essas) palavras apresentadas [...] [Essa categoria] não tem produtividade e não se encaixa nos demais casos apresentados” (MOREIRA, 2010, p. 44).

É consensual entre os gramáticos a percepção de que a flexão de número no PB é complexa, enervada por particularidades contraditórias, quiçá questionáveis por alguns deles e até mesmo pelos falantes, como usos abundantes de plural, ou seja, um mesmo substantivo pode apresentar até três alomorfes de número (a exemplo de *aldeão > aldeãos > aldeões > aldeães*) ou mesmo ausência morfológica de plural na palavra (*lápiz*, por exemplo), quando o plural é evidenciado dentro de um contexto sintático (*os lápis, primeiros lápis* etc.), o que caracteriza sincretismo e não neutralização do plural (BECHARA, 2009).

O plural das palavras mais comum no PB ocorre com o acréscimo do morfema *-s*, mas esse segmento linguístico oscila com seus alomorfes para a flexão de número. Dificulta-se ainda mais a escolha da estratégia de flexão de número quando o falante, além de acrescentar o morfema pluralizador *-s*, tiver de recorrer à memória para saber se a palavra passaria por processo de metafonia, ou seja, se usaria o morfema suprasegmental: o [o] tônico fechado passaria a aberto no plural [ɔ], como em *ovo > ovos*. Como exceção a essa regra, Bechara (2009) apresenta uma lista de palavras que não passam por esse processo de metafonia (*acordo, adorno, almoço, rolo* etc.).

Dessa forma, não haveria uma regularidade (sem exceções) para a abertura dessa vogal para casos semelhantes. “Como no caso dos plurais em *-ão* (*-ões, -ães, -ãos*), a inclusão da palavra no grupo dos metafônicos ou não metafônicos apresenta muitas indecisões [...]. Tanto a etimologia do latim quanto o paralelismo do espanhol nem sempre têm a boa resposta às dúvidas” (BECHARA, 2009, p. 124). Logo não se podem estranhar eventuais oscilações no uso do morfema suprasegmental pelo falante do PB mesmo quando prescrito pela gramática tradicional (GT). Ainda sobre o plural em *-ão*, esse autor adverte:

Dada a confluência das formas do singular num único final *-ão* [...] surgem muitas dúvidas no uso do plural, além de alterações que se deram através da história da língua, algumas que se mantêm *regional ou popularmente*, em geral a favor da forma plural *-ões*, por ser a que encerra maior número de representantes (BECHARA, 2009, p. 120, grifos nossos).

Embora a variação no emprego do plural não tenha aparentemente muita relação com a variável espacial, como sugere o autor, o plural em *-ão*, pode ter motivação diatópica. Moreira (2010) observa também que na realização do alomorfe *-s* no plural de *casa > casas, café > cafés, maçã > maçãs, pai > pais*, em que há realizações fonéticas [s], [z], [ʃ], [ʒ], “[...] a ocorrência das sibilantes alveolares ou alveopalatais estão relacionadas com aspectos dialetais. Assim, por exemplo, em Belo Horizonte ocorrem as sibilantes alveolares e no Rio de Janeiro

ocorrem as sibilantes alveopalatais” (MOREIRA, p. 35). Também sobre o aspecto diatópico relacionado à realização do plural no PB, Câmara Jr. (2011 [1970]) observa:

Sabemos, entretanto, que fonologicamente há outras possibilidades, que não a sibilante /s/ pressuposta na grafia tradicional. Na área do Rio de Janeiro, que aí coincide com a maior parte do Brasil e o português europeu, o /s/ até nunca se realiza. Ele aparece na área sul do Brasil (tipicamente em São Paulo) diante de pausa ou de consoante surda inicial no vocábulo imediatamente seguinte dentro do mesmo grupo de força. Mas entre nós o que temos então é /s'/ (chante surda). Diante de consoante sonora inicial, sem intervenção de pausa, aparece a sonora correspondente: /z/ na área de São Paulo, /z'/ (chante sonora) alhures (CÂMARA JR., 2011 [1970], p. 93-94).

Atentando também para a motivação diatópica, Silva, Almeida e Guedri (2007) salientam a existência da variação na realização fonética do alomorfe *-s* no PB. Pelo exposto, a realização do *-s* e do plural em *-ão* apresentam variação com aparentes motivações diatópicas. As variáveis sociais maior escolaridade e o sexo feminino do falante também favorecem o emprego do plural. Quanto à variável faixa etária, “as pessoas mais pressionadas pela idade profissionalmente produtiva usam também mais a forma de prestígio” (SCHERRE; NARO, 1998, p. 11).

No tocante às variáveis internas, Scherre e Naro (1998) observam que alguns aspectos linguísticos favorecem o uso das marcas de plural: i) saliência fônica, presença de acento na desinência e quantidade de material fônico que diferencia a forma singular da do plural; e ii) posição dos elementos não nucleares à esquerda do núcleo.

Como se pode observar, o emprego do plural no PB provoca muita insegurança ao falante. A exemplo dos três empregos relacionados a *-ão*, a escola esforça-se para mantê-los, por três razões: apoiando-se na origem latina, apelando para inspiração no espanhol ou mesmo buscando respaldo no uso recorrente de clássicos (CÂMARA JR., 1976). Por apresentar muitas nuances, segundo Gnerre (1983, p. 141, grifo da autora), “os falantes nativos do português têm que *memorizar* esses plurais na escola”. Assim, faz-se importante estudar as estratégias de plural no PB, visto que suas regras de emprego não parecem naturais. A prescrição é arbitrária em muitos contextos e seu aprendizado busca uma uniformidade embora suas regras apresentem nuances questionadas até pelos próprios gramáticos, já que são históricas.

2 DELIMITAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Este trabalho fundamenta-se essencialmente nos princípios norteadores da Sociolinguística estabelecidos nas obras de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e de Labov (1972). A Sociolinguística é o “ramo da linguística que estuda todos os aspectos da relação entre língua e sociedade, como, por exemplo, a identidade linguística de grupos sociais, atitudes sociais em relação à língua, o uso das línguas e as variedades sociais e regionais das línguas” (XAVIER; MATEUS, 1990, p. 341). Neste artigo, priorizou-se o estudo das variedades sociais da língua portuguesa, não descartando a existência, porém, de

variedades regionais no que tange às estratégias alomórficas de plural no PB, em especial no Estado da Bahia.

Como *corpus*, fez-se uso de oito entrevistas realizadas entre 2003 e 2007, no ponto 93 do ALiB (cf. CARDOSO et al., 2014)¹. Nesta primeira parte da pesquisa, após audição e transcrição fonética, levantaram-se apenas treze lexias com possibilidade de ocorrências alomórficas de número localizadas no Questionário Fonético-Fonológico (QFF, questão 76: *reais*) e no Questionário Morfossintático (QMS, seção “número”: *anéis, aventais, pães, mãos, leões, degraus, chapéus, anzóis, olhos, ovos, pincéis, bolsos* (COMITÊ NACIONAL, 2001). Dessa forma, não se tem por objetivo controlar a concordância nominal, mas apenas a variação morfológica e fonético-fonológica nas estratégias alomórficas de plural na cidade de Salvador.

Os oito informantes que compõem essa amostra são, em sua maioria, moradores de bairros próximos ou mesmo da região litorânea da capital baiana (Rio Vermelho, Itapuã, Barra, Garcia, Jardim Apipema, Santa Cruz, Pituaçu e Mata Escura). Como variáveis sociais, foram controladas a escolaridade (fundamental e universitária), a faixa etária (faixa 1 – 18 a 30 anos e faixa 2 – 50 a 65 anos) e o sexo (masculino e feminino). Também se controlaram variáveis de ordem interna da língua, a saber: natureza morfológica de cada grupo de plural, saliência fônica, frequência de uso da lexia, extensão da lexia quando pluralizada e tipo de lexia. Por se tratar de um projeto piloto², com número reduzido de ocorrências do fenômeno em questão, buscou-se apresentar os resultados do papel dessas variáveis independentes com números absolutos e respectivos percentuais.

3 A ALOMORFIA DE PLURAL EM SALVADOR

No recorte que compõe a amostra, foram elencadas 92 ocorrências da variável dependente alomorfia de plural, assim distribuídas: i) *plural regular*: 68/92 (74%); ii) *não marcação de plural*: 18/92 (20%); iii) *plural irregular*: 6/92 (6%). Entre os informantes, o uso da variante padrão é mais recorrente, com expressividade de 74%. Provavelmente, por eventual desmonitoramento do informante ou por não saber que estratégia de alomorfia utilizar, a não marcação de plural pareceu ser uma estratégia confortável como resposta, ficando em segundo lugar, com 20% das ocorrências. Por algumas estratégias de plural já serem muito conhecidas³, quase arquivormemas, o plural irregular⁴ aparece com pouca expressividade

¹ Embora esta pesquisa envolva seres humanos, não há número do protocolo de sua aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa posto que à época em que o Projeto Atlas Linguístico do Brasil foi idealizado (1996) tal procedimento não foi necessário.

² Parte da tese de doutorado em andamento do primeiro autor, orientada pela segunda autora.

³ É importante levar em consideração o fato de que: i) não se trata de interação verbal tão natural; ii) neste trecho do questionário, as respostas dos informantes são curtas, às vezes com duas palavras; iii) os entrevistados apenas dizem o que notam em três gravuras. Na continuação da pesquisa, será controlada a variável *estilo* a partir da comparação de trechos monitorados ou não de toda a entrevista.

⁴ Plurais irregulares encontrados: *degrais, chapéis, pincéis, [o]lhos, b[ɔ]lso*.

entre as respostas, em terceiro lugar, com apenas 6% das escolhas estratégicas de alomorfa de plural em Salvador (cf. Tabela 1).

Tabela 1 – Emprego do plural

N.	Lexia	Inf. com menos escolaridade ⁵				Inf. com mais escolaridade				Total	
1	ANÉIS	+ ⁶	+	+	+	+	+	+++	+	10/10	100%
2	AVENTAIS	Ø	Ø	Ø	+	+	++	++	+	7/10	70%
3	PÃES	+	+	+	+	+	+	+	+	8/8	100%
4	MÃOS	Ø	+	Ø		+		Ø	+	3/6	50%
5	LEÕES	+	Ø	Ø	+	+	+	++	++	8/10	80%
6	DEGRAUS		Ø	Ø	Δ	+	+	+	+	4/8	50%
7	CHAPÉUS		Ø	Ø	Δ	+	+	ØØ	+	3/9	33,3%
8	ANZÓIS	+	Ø	Ø	+	+			+	4/6	66,6%
9	OLHOS	Δ	Δ	+	+	+	++		+	6/8	75%
10	REAIS	+	+	+++++		+	+	+	+	12/12	100%
11	OVOS ⁷					+		+	+	3/3	100%
12	PINCÉIS								Δ	0/1	0%
13	BOLSOS				Δ					0/1	0%
	TOTAL									68/92 ⁸	74%

Legenda: + Regular / Ø Sem marcação / Δ Irregular

Fonte: Elaborada pelos autores.

⁵ Da esquerda para a direita, até o meio da tabela, são as respostas dos quatro informantes com pouca escolaridade (nível fundamental). A seguir, vêm os mais escolarizados (nível universitário).

⁶ De cima para baixo, são apresentadas as respostas de um mesmo informante, distribuídas sob a forma de coluna. Em alguns momentos da tabela, encontra-se o mesmo símbolo repetido. Da esquerda para a direita, seguindo a organização do Projeto ALiB, os informantes representados por números ímpares, como os de número 1, 3, 5 e 7, são do sexo masculino. Os dois primeiros informantes de cada grupo de escolaridade, números 1, 2, 5 e 6, são da faixa etária 1.

⁷ Cabe observar que, nestes trechos dos oito questionários ouvidos, o mesmo informante pode repetir até cinco vezes a mesma lexia pluralizada, como ocorreu com o informante 3, repetindo *reais* cinco vezes, sem manifestar oscilação no emprego de outro alomorfe de plural para a lexia. Algumas lexias apresentaram poucas ocorrências, como *ovos*, *pincéis* e *b[ɔ]l[ɔ]s* porque estes elementos ou não estavam nas gravuras apresentadas aos informantes ou não eram realizadas (no plural) nas respostas.

⁸ No recorte do *corpus*, encontraram-se 110/147 ocorrências de marcação de plural segundo a prescrição da GT, tanto em substantivos quanto em adjetivos (como *peixe-S amarelo-S*), no entanto, por não se tratar de um estudo de concordância nominal, mas de um estudo no campo da morfologia de número, só foram analisados esses 92/147 dos dados em questão, pois estes seriam suscetíveis a eventuais estratégias alomórficas de número no PB.

3.1 VARIÁVEIS SOCIAIS DA ALOMORFIA DE PLURAL

Entre os informantes, há um que concluiu a 2ª série e três concluíram a 4ª série no grupo daqueles que estudaram apenas o Ensino Fundamental. Na Tabela 1, o segundo grupo, à frente, é composto por três graduados e um especialista. No grupo dos informantes com menos escolaridade, o plural regular, com 24/42 (55%) das ocorrências, é a estratégia mais recorrente; a não marcação de plural (*avental^p, degrau, chapéu, mão, leão, anzol*), com 15/44 (34%), surge como a segunda estratégia escolhida; e o plural irregular ([o]lhos, b[ɔ]lso, *degrais, chapéis*), com 5/44 (11%), aparece em terceiro lugar. Os informantes mais escolarizados realizaram 44/48 (92%) de ocorrências de plural regular, 3/48 (6%) de não marcação de plural (*chapéu, mão*) e apenas 1/48 (2%) de plural irregular (*pinéis*).

Comparando os dois grupos, percebe-se que os mais escolarizados realizam expressivamente mais o plural regular do que os menos escolarizados. Aqueles apresentam 37 pontos percentuais de diferença (92% > 55%) em relação a estes. Dessa forma, os menos escolarizados apagam 28 pontos percentuais (34% > 6%) a mais a marcação de plural do que os mais escolarizados – corroborando os resultados de Scherre e Naro (1998) – bem como realizam nove pontos percentuais (11% > 2%) a mais o plural irregular do que os mais escolarizados. Agrupando as ocorrências de não marcação com realizações irregulares em oposição às realizações regulares, percebe-se que, entre os poucos escolarizados, o uso padrão praticamente está na condição de *variação estável*, com apenas 10 pontos percentuais de diferença em relação às demais variantes (55% > 45%), enquanto que, entre os mais escolarizados, essa diferença chega a 84 pontos percentuais a mais (92% > 8%) a favor da norma padrão em oposição às demais variantes.

Quanto aos empregos das alomorfias por lexias, os menos escolarizados aplicam a norma não padrão¹⁰ de forma significativa a 8/13 (62%) itens: *degrau* (4/4), *chapéu* (4/4), *bolso* (1/1), *avental* (3/4), *mão* (2/4), *leão* (2/4), *anzol* (2/4), *olho* (2/4), enquanto que os mais escolarizados demonstram insegurança apenas quanto ao uso de 3/13 (23%) dos itens: *pinel* (1/1), *mão* (1/3), *chapéu* (2/5). Apenas a lexia *chapéu* seria a intersecção entre os dois grupos. Talvez o plural de *chapéu* já esteja em vias de implementação de mudança, posto que o plural *chapéus* ocorreu apenas em 3/9 (33%) de todas as realizações desse item.

Parece evidente que a pouca escolaridade favorece o uso das formas inovadoras de forma generalizada do plural. Entende-se, portanto, que os menos escolarizados consideram mais confortável não usar a norma padrão do PB em Salvador quanto ao uso da alomorfia de plural bem como, por associação ou insegurança, realizam também mais o plural irregular do que os mais escolarizados. Em suma, as inovações na alomorfia de plural no português de Salvador são mais recorrentes entre pessoas menos escolarizadas.

Quanto à variável faixa etária, comparando as faixas 1 e 2, as variantes plural regular e não marcação praticamente estão empatadas em suas realizações. Não parece que o fator faixa etária favoreça significativamente o uso regular ou a não marcação em qualquer um dos grupos. Para o plural regular, a faixa 1 realizou 31/42 (73%) das ocorrências e a faixa 2

⁹ As lexias entre parênteses, neste parágrafo, estão em ordem decrescente de realização.

¹⁰ Considera-se aqui norma não padrão como o envelope de variantes irregulares e não marcadas.

realizou 37/50 (74%). A não marcação de plural ocorreu em 9/42 (22%) na faixa 1 e em 9/50 (18%) na faixa 2. Parece que a geração mais nova prefere, ainda que timidamente, não marcar a alomorfa de plural mais do que a outra geração. A diferença é expressiva entre as duas gerações quando se observa a escolha pela estratégia irregular. A faixa 1 realizou apenas 2/42 (5%) estratégias de plural irregular enquanto que a faixa 2 realizou quase o dobro em percentual: 4/50 (8%) delas. Dessa forma, parece que a geração mais jovem prefere apagar a marcação de plural a usar a forma irregular de plural. Na contrapartida, a geração mais velha – talvez por fazer uso da hipercorreção – inova a língua ao invés de mostrar-se conservadora, pois prefere o uso irregular do plural para evitar a sua não marcação, avaliada possivelmente como sinônimo de pouco prestígio social uma vez que implica a não concordância nominal.

Em Scherre e Naro (1998), os resultados apontam para 76% (peso relativo de 0,58) de uso de marcas explícitas de plural pelas mulheres e 65% (peso relativo de 0,41) entre os homens. Neste trabalho, no entanto, entre homens e mulheres, a diferença não é muito expressiva quanto ao uso padrão da alomorfa de plural. Aqueles realizaram 35/49 (71%) do plural regular e estas, um pouco mais, 32/43 (74%). A diferença entre os dois sexos começa a expressar-se significativamente nas demais estratégias. Na não marcação, os homens fizeram uso de 13/49 (27%) enquanto as mulheres, quase a metade em relação a eles: 6/43 (14%) de apagamento dessa marca.

Em sentido inovador, possivelmente motivadas por hipercorreção, as mulheres distanciam-se dos homens quanto ao uso irregular do plural. Elas realizaram 5/43 (12%) das estratégias irregulares e eles apenas 1/49 (2%). Juntando as ocorrências de preenchimento do morfema de plural (regulares e irregulares), as mulheres preencheram o plural em 37/43 (86%) e os homens em 36/49 (73%). Logo parece evidente que as mulheres reconhecem a necessidade de marcar o plural, mesmo que o façam de forma irregular, enquanto os homens não percebem esse valor social da marcação, preferindo, portanto, apagar a marcação de plural a inovar de forma irregular. Esse uso não padrão pelas mulheres corrobora a concepção de *paradoxo do gênero* (LABOV, 2001), posto que as mulheres costumam inovar na língua quando o fenômeno não é de consciência social, ou melhor, não sofre estigma, a exemplo de algumas estratégias de uso do plural irregular.

3.2 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS DA ALOMORFIA DE PLURAL

Não apenas as variáveis sociais interferem na escolha da estratégia alomórfica do plural na capital baiana. Observou-se também o possível favorecimento das variáveis linguísticas: i) saliência fônica; ii) natureza morfológica; iii) extensão e acentuação da lexia; e iv) tipo de lexia. Essas variáveis, em determinados contextos linguísticos, atuam de forma solidária.

Diferentemente de Scherre e Naro (1998), não se preferiu tratar saliência fônica de forma binária: (+ saliente) e (– saliente). As lexias, no entanto, foram agrupadas num contínuo de três *níveis de saliência fônica*, a saber: i) plural realizado apenas com o acréscimo de um fonema (*mão-s, bolso-s, chapéu-s, degrau-s*); ii) plural com dois traços distintivos alterados pelo acréscimo de dois fonemas, pela modificação de um e acréscimo de outro fonema ou pela alteração simultânea no abaixamento de vogal e na junção de mais um fonema (*pã-es,*

anzó-is, ané-is, aventá-is, rea-is, pincé-is, [ɔ]vo-s, [ɔ]lho-s; e iii) plural formado pela substituição de dois e/ou acréscimo de três fonemas (*le-ões*).

Tabela 2 – A saliência fônica na marcação de plural

Grupos	Lexias	Regular	Irregular	Não marcação
Menos saliente	MÃO-S BOLSO-S CHAPÉU-S DEGRAU-S	10/24 42%	3/24 12%	11/24 46%
Mais saliente	PÃ-ES ANZÓ-IS ANÉ-IS AVENTA-IS REA-IS PINCÉ-IS [ɔ]VO-S [ɔ]LHO-S	50/58 86%	3/58 5%	5/58 9%
Muito saliente	LE-ÕES	8/10 80%	-	2/10 20%

Fonte: Elaborada pelos autores.

Como exposto na Tabela 2, no primeiro grupo, dos menos salientes, o plural regular foi utilizado em 42% (10/24) das ocorrências; houve apagamento de 46% (11/24); e uso do plural irregular em 12% (3/24) das realizações. No grupo dos mais salientes, usou-se o plural regular em 86% (50/58) das ocorrências; o apagamento representa 9% (5/58) dos dados; e o irregular apareceu em apenas 5% (3/58). Entre os muito salientes, o plural regular também é expressivo, com 80% (8/10) das ocorrências; 20% (2/10) de apagamento da desinência de plural; e não há realizações de plural irregular para a lexia *leão* em Salvador.

Como opção estratégica, apaga-se mais o morfema de plural quando o morfe é menos saliente, preferindo-se, portanto, marcar o plural no determinante que precede as lexias. Nos grupos dos mais e muito salientes, o apagamento alomórfico não passa dos 20%, ou seja, quanto mais perceptível ao falante/ouvinte for o traço distintivo entre singular e plural, mais os falantes de Salvador preferem marcar o plural, seja com a forma regular, seja com uma forma irregular. Quanto menos perceptível for a percepção de perda da morfologia de plural nas lexias, mais suscetível estará o falante a não marcar o plural no nível morfológico na capital baiana.

Dessa forma, o grupo de lexias menos salientes apresenta também o número expressivamente mais reduzido de marcação de plural regular que os demais grupos; no entanto, entre os menos salientes, o uso do plural irregular chega a 12%, enquanto nos mais salientes não ultrapassa os 5%. No grupo dos muito salientes sequer há realizações irregulares de plural. Como uma estratégia hipercorretiva, o uso alomórfico irregular de número no grupo das lexias menos salientes é uma alternativa de tornar a marcação de plural mais saliente, ou seja, mais perceptível ao ouvinte; assim, ao invés de acrescentar-se apenas o morfe -S, acrescenta-se o morfe -IS ou mesmo a combinação de dois traços distintivos para

tornar o plural mais saliente, como na hipercorreção realizada com o plural irregular (metafônico) de *bolso*, abaixando-se a vogal e acrescentando-se o morfema –S (*b[ɔ]lso*).

Quando as lexias são mais e muito salientes, os soteropolitanos sentem-se mais confortáveis acrescentando aos nomes traços mais distintivos, como –ES, –IS, [ɔ] + –S e –ÕES, visto que seria mais perceptível ao ouvinte perceber essa não marcação de número no seu repertório linguístico. Esse envelope de estratégias de marcação está no nível de consciência do falante, por isso há tanto preenchimento do morfema de número nessas lexias e há pouca necessidade de usar estratégias alomórficas irregulares de plural. Ademais, 6/9 lexias desses dois grupos formariam seus plurais regulares com o acréscimo dos fonemas/morfemas –IS ou –ÕES, quase arquimorfemas do PB. Essas duas estratégias, por serem mais e muito salientes, respectivamente, superaram, neste trabalho, o número de realizações do tradicional arquimorfema de número –S.

Cabe lembrar que 3/6¹¹ estratégias de alomorfa irregular encontradas neste *corpus* são realizadas justamente com apenas o acréscimo de –IS (*chapé-is*, *degra-is* e *pincé-is*), por ser uma estratégia alomórfica frequente e bem avaliada pelos ouvintes. Esse uso de alomorfa de número é fruto da associação dessas três lexias a outras como *papéis*, *pastéis* etc., que têm sua formação do plural regular com também o acréscimo de –IS. Logo, independentemente das variáveis tipo de lexia, saliência fônica e outras, neste trabalho, as estratégias alomórficas por acréscimo de fonema só ocorreram justamente com a escolha do morfema –IS pelo falante, pois no sistema linguístico do PB essas escolhas seriam tão naturais quanto pouco estigmatizadas na avaliação dos ouvintes.

Quanto à variável *natureza morfológica singular*, as lexias foram agrupadas conforme as características fonéticas do final de cada item, a saber, plurais regulares com ditongos ou metafonia, conforme distribuição na Tabela 3:

Tabela 3 – Natureza morfológica da lexia

N.	Grupos	Morfes	Lexias	Regular	Irregular	Não marcação
1	[ãw]	[ãws] [ãys]	MÃO	3/6 50%	-	3/6 50%
2	[ãw]	[ãys] [ãws]	PÃO	8/8 100%	-	-
3	[ãw]	[õys] [ãws]	LEÃO	8/10 80%	-	2/10 20%
4	[ɔw]	[ɔys] [ɔws]	ANZOL	4/6 67%	-	2/6 33%
5	[ɛw]	[ɛws] [ɛys]	CHAPÉU ANEL PINCEL	13/20 65%	2/20 10%	5/20 25%
6	[aw]	[aws] [ays]	DEGRAU AVENTAL	23/30 77%	1/30 3%	6/30 20%

¹¹ As outras três ocorrências são de plural metafônico.

			REAL			
7	[w]	[ɔ] + [s] [o] + [s]	OVO OLHO BOLSO	9/12 75%	3/12 25%	-

Fonte: Elaborada pelos autores.

Como se pode observar, nos quatro primeiros grupos (com plural regular em *-ãos*, *-ães*, *-ões* e *-is*), não há o uso de estratégia alomórfica em oposição aos respectivos morfemas de número. Assim como nos demais grupos, prevalece o uso do plural regular nesses primeiros. No entanto, por ter a materialização de plural pouco saliente, essa marcação é de 50% no primeiro grupo do ditongo [ãw] (*mão*).

Os grupos com terminação em [ɛw], [aw] e os metafônicos são os únicos que apresentam estratégias alomórficas de número. Entre aqueles, as estratégias alomórficas irregulares tendem a partir dos morfemas menos salientes para os mais salientes: *degrau-s* > *degrais* ou *chapéu-s* > *chapéis*. Neste trabalho, apenas o plural irregular de *pinxel* seguiu em direção contrária, do mais saliente para o menos saliente: *pinxéis* > *pinxéus*. Cabe observar que, para o falante, a equivalência fonética entre *-l* e *-u*, causada pela vocalização daquele, seria também uma forte motivação para o surgimento hipercorretivo do plural irregular de *chapéu* e *degrau*, por associação à formação do plural de *pinxel*, *anel*, *avental* e *real*. Ademais, segundo Huback (2010), a partir do cômputo realizado no *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* (2001), a frequência de verbetes terminados em *-l* representa apenas 2,49% do léxico do PB e apenas 0,26% para aqueles com terminação em *-u*. Logo, por serem pouco frequentes na língua, além de essas estratégias de pluralização oferecerem maior insegurança ao falante em sua realização, é mais natural que a migração para o plural irregular ocorra do grupo mais frequente para o menos frequente na língua: *-u* > *-l*, como foi observado também neste trabalho.

Nota-se ainda que, entre os plurais metafônicos, há maior preferência pelas estratégias alomórficas mais salientes, ou seja, a variante regular: [o] > [ɔ] + [s]. No entanto essa necessidade de deixar o plural mais saliente motivou o plural de *bolso* de forma irregular, mesmo que tal estratégia não fosse prescrita pela GT. Observa-se, portanto, que não é apenas a lexia em si que favorece o plural irregular, mas sua natureza morfológica, sendo os grupos dos metafônicos e dos ditongos em [ɛw] e [aw] os que provocam mais insegurança ao falante na realização do plural em Salvador, mas nesses contextos de usos irregulares mais salientes não há estigmatização, posto que a variação de tais usos está geralmente abaixo do nível de consciência sociolinguística do falante.

Quanto à extensão da lexia e sua acentuação, organizou-se a Tabela 4 com dois grupos de lexias: i) oxítonas (monossílabas, dissílabas e trissílabas) e ii) paroxítonas (apenas dissílabas).

Tabela 4 – Extensão e acentuação da lexia

N.	Acentuação	Extensão	Lexias	Regular	Irregular	Não marcação
1	OXÍTONAS	1 sílaba	MÃOS, PÃES	11/14 79%	-	3/14 21%
		2 sílabas	ANÉIS, CHAPÉUS, REAI, DEGRAUS, PINCÉIS, ANÉIS, LEÕES	41/56 73%	3/56 5%	12/56 22%
		3 sílabas	AVENTAIS	7/10 70%	-	3/10 30%
2	PAROXÍTONAS	2 sílabas	OVOS, OLHOS, BOLSOS	9/12 75%	3/12 25%	-

Fonte: Elaborada pelos autores.

Observa-se que quanto maiores as lexias mais o plural não é marcado, com exceção dos plurais metafônicos. Assim, as lexias monossílabas apagam em 21% das realizações. A não marcação atingiu 22% entre as dissílabas e 30% entre as lexias trissílabas. A extensão da lexia parece imperativa: por economia linguística, a máxima do menor esforço motivaria o apagamento da desinência de número se a lexia for mais extensa. Assim, quanto menor a lexia maior a probabilidade da marcação de plural, seja ele regular ou não. Gradativamente, preenche-se mais o plural regular entre as lexias menores: 70% entre as trissílabas, 73% entre as dissílabas e 79% entre as monossílabas.

Segundo Scherre e Naro (1998), entre as oxítonas, as marcações explícitas de plural são mais comuns, a saber: peso relativo de 0,69 ou 83% (393/471) entre as oxítonas; peso relativo de 0,52 ou 54% (99/185), entre as proparoxítonas; e peso relativo de 0,45 ou 69% (7873/11387) entre as paroxítonas. Os resultados do favorecimento da acentuação, nesta pesquisa, corroboram os resultados desses autores, posto que o percentual mais elevado de marcação de plural encontra-se entre as oxítonas (79%), em oposição a 75% entre as paroxítonas. Vale salientar que, entre aquelas, favorece também o fato de elas serem lexias de curta extensão. Acentuação oxítona e curta extensão das lexias parecem favorecer a marcação explícita de plural. Entre as oxítonas, apagou-se qualquer traço alomórfico de forma crescente à medida que também o número de sílabas foi elevado entre os grupos de lexias: monossílabas (21% ou 3/12), dissílabas (22% ou 12/56) e trissílabas (30% ou 3/10). Portanto parece mais caro ao falante ampliar ainda mais lexias de maiores extensões, assim como seria mais fácil e/ou funcional acrescentar o morfema de plural a uma sílaba já acentuada. Também foi controlado o tipo de lexia, como exposto na Tabela 5:

Tabela 5 – Tipo de lexia

N.	Lexia	Regular	Irregular	Não marcação
1	REAL	100% (12/12)	-	-
2	ANEL	100% (10/10)	-	-
3	PÃO	100% (8/8)	-	-
4	OVO	100% (3/3)	-	-
5	LEÃO	80% (8/10)	-	20% (2/10)
6	OLHO	75% (6/8)	25% (2/8)	-
7	AVENTAL	70% (7/10)	-	30% (3/10)
8	ANZOL	67% (4/6)	-	33% (2/6)
9	DEGRAU	50% (4/8)	12% (1/8)	38% (3/8)
10	MÃO	50% (3/6)	-	50% (3/6)
11	CHAPÉU	33% (3/9)	11% (1/9)	56% (5/9)
12	PINCEL	-	100% (1/1)	-
13	BOLSO	-	100% (1/1)	-

Fonte: Elaborada pelos autores.

Como se pode observar, o plural explícito, seja regular ou não, é igual ou superior a 75% para as lexias: *real*, *anel*, *pão*, *ovo*, *leão* e *olho*. Com exceção das duas últimas, as demais lexias apresentam 100% de marcação, destacando-se que são preenchidas pela estratégia padrão do PB. O plural metafônico, neste caso, é a estratégia intermediária entre os plurais muito marcados e de razoavelmente a não marcados. Cabe salientar que este grupo que se destaca é formado por lexias muito recorrentes no cotidiano dos informantes. Com exceção de *leão*¹², as demais lexias são partes do corpo humano, objetos usados com muita frequência, dinheiro ou alimentos baratos e comuns geralmente à alimentação de qualquer brasileiro. Além de serem lexias que possuam, como plural, morfes muito conhecidos, sua frequência de uso reforça entre as pessoas o conhecimento de qual estratégia utilizar para realizar o plural. Na classificação de Huback (2010), a partir da *frequência de ocorrências*¹³ em seu *Teste de*

¹² Não é uma palavra usada com muita frequência, mas seu plural regular é muito conhecido e/ou formado com o morfe mais comum a todas as lexias terminadas em -ão. Não é de estranhar, portanto, que o plural irregular de muitas outras se faça com o acréscimo do morfe -ões, como *cidadões*, *escrivões* etc., como observa Huback (2010) sobre a migração do plural irregular de -ãos ou -ães para -ões.

¹³ Segundo o *Modelo de Redes* de Bybee (2002 apud HUBACK, 2010), a frequência de uso das estruturas linguísticas é muito relevante na organização do léxico mental do indivíduo. Esse modelo pode ser dividido em: i) *tipo de frequência*, cujo resultado viria do cômputo de realizações num dicionário; e ii) *frequência de ocorrência*, quantificada a partir do número de ocorrências num determinado *corpus*.

Reação, duas dessas lexias, *pão* e *anel*, são classificadas como de média frequência (entre 100 e 500 realizações). Embora a lexia *leão* não esteja entre elas, muitas outras que fazem o plural regular em *-ões* (*anão, religião, exposição, opinião, avião*) são classificadas pela autora como de média ou alta frequência (> de 500 realizações no *corpus*). Assim, o que faz dessas lexias mais produtivas ou categóricas no uso de realizações do plural padrão seria a sua média ou alta frequência de ocorrência no PB. Ademais, com exceção de *olho*, as demais lexias desse grupo não apresentaram realizações irregulares, pois, sendo mais frequentes na língua, seu plural padrão também seria eventualmente mais conhecido pelos falantes.

As lexias *avental, anzol, degrau, mão, chapéu, pincel* e *bolso*, nesta sequência decrescente, foram, entre as demais, aquelas que foram realizadas com menor número de plural regular. Neste segundo grupo, com exceção de *mão* – que é uma lexia que favorece a perda do morfema de plural por ser pouco saliente, embora seja de alta frequência –, as lexias são pouco usadas no cotidiano das pessoas de forma geral. Dessas lexias, cinco foram controladas no cômputo de Huback (2010). Quatro delas são classificadas como de baixa (*anzol* e *avental*) ou apenas de média frequência (*degrau* e *chapéu*). Por também haver lexias de baixa frequência no PB, seria natural o maior apagamento da marca de plural ou o uso irregular desse plural.

Às vezes, a necessidade de empregá-las no plural só ocorre em situações particulares, como em eventos de pesca (*anzol*) ou de pintura (*pincel*). Além disso, normalmente, não é comum haver mais de um *avental* ou *chapéu* em uso numa casa. Da mesma forma, é muito mais comum usarem-se as palavras *degrau* e *bolso* no singular. Para aquela palavra, usa-se o plural quando se quer enaltecer a quantidade de *degraus* que há numa escadaria muito longa, como em morros e em favelas. Já o plural de *bolso* é mais comum ser utilizado por costureiros e profissionais da moda. Dessa forma, é justificável que entre as lexias desse segundo grupo exista o número mais expressivo de apagamento do morfe de plural – 5/6 lexias sofreram apagamento neste grupo – bem como, por serem pouco usadas, seria natural que os informantes não soubessem usar o plural regular para algumas delas. Corroborando essa tese, neste grupo, ocorreram 67% (4/6) de realizações de plural irregular em toda a amostra (*degrais, chapéis, pincéis* e *b[ɔ]lsois*).

Pelo exposto, além de todos os possíveis condicionamentos sobre as lexias em si tratados até o momento neste texto, cabe observar que algumas lexias, por questões pragmáticas, favorecem o apagamento da marca de plural ou seu uso irregular. Assim, quanto mais se usa uma lexia em contextos diversificados, mais comum seria o emprego de seu plural regular. O uso da estratégia irregular surge da insegurança linguística do falante, de atos hipercorretivos ou mesmo por julgar certas estratégias alomórficas pouco estigmatizadas e mais agradáveis em seu repertório linguístico. O plural irregular, nesses casos, não surge do acaso, mas, sobretudo, de associações, de economia linguística – como o fechamento da vogal em plurais metafônicos – e de necessidades expressivas dos falantes em interações reais de fala, principalmente em contextos de maior monitoramento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do recorte do questionário do Projeto ALiB, observou-se que o uso do plural regular é o mais recorrente nos dois segmentos sociais aqui analisados na amostra de Salvador (74%). No cômputo geral, a não marcação surge como segunda opção, com 20% de ocorrências, seguida por apenas 6% de plurais irregulares. Apenas entre aqueles com pouca escolaridade o plural regular quase foi ultrapassado pela soma do plural irregular ou ausência de marcação nas lexias arroladas. Assim, o número mais expressivo de apagamento ou uso irregular do plural está na fala dos informantes menos escolarizados.

Os soteropolitanos mais jovens parecem preferir apagar a marcação de plural a usá-la de forma irregular. Quanto ao uso irregular, a faixa etária 2 fez uso de 67% (4/6) do cômputo total dessa estratégia, talvez pelo favorecimento da hipercorreção. Entre as poucas estratégias de plural irregular computadas, as mulheres mostraram-se mais inovadoras, com 83% (5/6) das realizações irregulares. Corroborando a concepção do *paradoxo do gênero laboviano*, a mulher inova quando o comportamento linguístico não é estigmatizado pelos falantes. Elas sentem a necessidade de marcar o plural, de forma regular ou não. Assim, entre todas as estratégias de apagamento elencadas nesta pesquisa, as mulheres apagaram apenas 14% (6/43) das ocorrências enquanto os homens chegaram a quase o dobro desse percentual: 27% (13/49).

Quanto às variáveis linguísticas, observou-se que os grupos das lexias mais salientes favorecem quase em dobro a marcação regular do plural. Apaga-se mais, portanto, no grupo de lexias menos salientes. Neste grupo também há maior percentual de realizações do plural irregular. Quanto à natureza morfológica, os grupos em ditongos [ɛw] e [aw] bem como o plural metafônico foram os únicos que apresentaram realizações irregulares, tendo sido observada uma migração do plural regular em -u (-us) para o plural em -l (-is) pela não distinção entre tais fonemas em final de sílabas e pela pouca frequência daqueles em relação a estes no PB. A curta extensão e a acentuação oxítona favoreceram a estratégia regular do plural em Salvador. Quanto menor o número de sílabas entre as oxítonas, mais se marcou o plural, de forma padrão ou não. O plural metafônico, pela sua dupla marcação, apresentou 50% (3/6) de uso do plural irregular de toda a amostra e 25% (3/12) em comparação à sua variante regular: 75% (9/12). Observou-se também que as lexias mais frequentes no PB são aquelas que geralmente mais favorecem o plural regular entre os soteropolitanos. Portanto as lexias com pouca ou média frequência nessa língua oferecem maior insegurança à realização de seus plurais regulares entre os falantes, favorecendo o apagamento dessa marca de número ou o uso irregular nesses grupos menos frequentes.

Muito ainda falta fazer para compreender a realidade da alomorfia de plural em Salvador. No entanto, a partir desses resultados, pode-se observar que as variáveis independentes, sociais ou linguísticas, são solidárias entre si. No que diz respeito ao plural irregular, essa estratégia não parece ser tão estigmatizada pelos falantes: é mais comum no comportamento linguístico das mulheres, entre aqueles com menos escolaridade e da faixa etária 2. Essa estratégia também é favorecida pelas lexias menos salientes, pelo grupo dos metafônicos e ditongos [ɛw] e [aw], sobretudo por aquelas lexias terminadas em -u (*degrau* e *chapéu*), ocorrendo em lexias com média extensão, oxítonas ou paroxítonas, mas, sobretudo,

entre as lexias com pouca ou média frequência no PB. Embora o recorte deste trabalho seja de ordem morfo-fonológica, a não concordância nominal de número surge na interface para a compreensão da esQUIVA do falante pelo preenchimento morfológico do plural, regular ou não.

REFERÊNCIAS

- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CÂMARA JR., J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 44. ed. Petrópolis: Vozes, 2011 [1970].
- CARDOSO, S. A. M. et al. *Atlas linguístico do Brasil*. v. 2. Londrina: EDUEL, 2014.
- COMITÊ NACIONAL do Projeto ALiB. *Questionários 2001*. Londrina: EDUEL, 2001.
- DUBOIS, J. et al. *Dicionário de lingüística*. Trad. Frederico Pessoa de Barros et al. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.
- GNERRE, M. B. M. A. Alguns casos de formação de plural em português: uma abordagem natural. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 5, p. 127-156, 1983.
- HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- HUBACK, A. P. Plurais irregulares do português brasileiro: efeitos e frequência. *Revista da ABRALIN*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 11-40, jan/jun. 2010. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/abralin/article/download/52337/32236>>. Acesso em: 31 ago. 2017.
- LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: Pennsylvania University Press, 1972.
- LABOV, W. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.
- MOREIRA, M. M. S. *Alomorfia de plural no português brasileiro*. 2010. 105f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.
- SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA ROMÂNICAS, 21, 1998, Palermo. *Anais...* Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1998, p. 509-523.

SILVA, T. C.; ALMEIDA, L.; GUEDRI, C. Perda da marca de plural no português brasileiro: contribuições da fonologia. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 207-228, 2007.

XAVIER, M. F.; MATEUS, M. H. M. (Orgs.). *Dicionário de termos linguísticos*. v. 1. Lisboa: Cosmos, 1990.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].